

de Paris, que explicava a “melancolia e a constância de suicídios” (p. 37) dos intelectuais portugueses.

*António Apolinário Lourenço*

<https://orcid.org/0000-0002-1014-0459>

[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_11\\_21](https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_21)

**O TRIÂNGULO MÁGICO. UMA BIOGRAFIA DE MÁRIO CESARINY.**

**ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO**

**Lisboa: Quetzal Editores, 2019**

**508 páginas. ISBN 9789897225598**

António Cândido Franco tem dedicado ao surrealismo uma parte substancial do seu trabalho de investigação e divulgação, sobretudo através d’*A Ideia – Revista de Cultura Libertária*, publicação que reúne um verdadeiro arquivo do surrealismo português e na qual Mário Cesariny chegou a colaborar. Nas mais de 500 páginas da presente biografia está de algum modo vertida uma visão organizada não apenas desses materiais mas também de um manancial de outros documentos, muitos dos qual inéditos. A curadoria desse *corpus* descobre pontes e uma constelação de referências que permitem esboçar um retrato não só de Mário Cesariny, mas de todo um meio literário e artístico que reflete importantes aspetos da história sociocultural da segunda metade do século XX em Portugal. Professor de Cultura Portuguesa na Universidade de Évora e especialista em Teixeira de Pacoaes, António Cândido Franco tem uma vasta obra publicada, incluindo

poesia, romance histórico, teatro e ensaio. Obras recentes incluem *Notas para a Compreensão do Surrealismo em Portugal* (2013) e a biografia de Agostinho da Silva, *O Estranhíssimo Colosso* (2015).

*O Triângulo Mágico* abre com uma nota prévia que é também uma crítica à crítica: o desprezo a que o surrealismo tem sido votado em Portugal reflete-se num conhecimento superficial e “cheio de mal-entendidos e de erros graves” (18) sobre a poesia de Mário Cesariny, que permanece ainda “um continente por revelar” (17). António Cândido Franco justifica esta desatenção com o peso de um cânone “que data duma velhinha respeitável, mas parálitica, chamada Presença” (17), assinalando, porém, uma exceção: “A crítica mais duradoura, a que melhor se despojou dos lugares-comuns, a que melhor soube ouvir, a mais humilde e a mais sábia, foi a de Gaspar Simões” (109).

Em contra-mão relativamente à tendência instalada, António Cândido Franco reclama a importância das biografias para os estudos literários, por reconhecer que há autores cujos “passos da vida se entrançam de forma tão íntima na sua obra” (18) que a leitura da segunda não pode deixar de se enriquecer com conhecimento da primeira. A pertinência da biografia passa também pela recuperação de um percurso obscurecido pelo seu próprio tempo: “Cesariny pertence a uma geração e a uma época em que os poetas e os escritores não tinham biografia. Abdi-

cavam dela por causa da censura e da vigilância policial” (18). O que faz uma boa biografia? António Cândido Franco apresenta as duas linhas mestras que sustentam o trabalho biográfico: o inquérito e o retrato. Se o inquérito se ocupa do levantamento e inventariação exaustiva, e sempre incompleta, de informação, o retrato reflete a mão do retratador e sobrepõe-se, em termos de importância relativa, à objetividade da informação recolhida. Neste caso, António Cândido Franco confirma a sua capacidade retratista, tanto no detalhe de certos traços quanto na sua medida justa e função na composição, como se Mário Cesariny fosse o imaginado leitor ideal desta biografia.

A biografia de Mário Cesariny é um edifício levantado peça a peça a partir de informação recolhida em arquivos e espólios, correspondência e diários, imprensa, processos escolares e judiciais, diversa bibliografia e um vasto conjunto de dispersos. Entre estas fontes, a correspondência ocupa um lugar fundamental já que estabelece uma ligação direta à voz de Cesariny. Através da análise cruzada de correspondência, António Cândido Franco constrói um puzzle e uma narrativa que sistematiza e dá a ver marcos relevantes na vida do poeta e na história do surrealismo. As cartas são também elos que estabelecem redes de afinidade além das fronteiras geográficas, e dão conta da influência, direta e em tempo real, do pensamento e da prática surrealista internacional. Pela correspondência, tanto de Cesa-

riny como das suas redes de amizades e conhecimentos, trocam-se materiais e desencadeiam-se iniciativas, e chegam em primeira mão notícias e revistas oriundas dos núcleos fortes do surrealismo, como a então Checoslováquia, França, Espanha, Holanda, México, Brasil ou Argentina.

Organizada de forma cronológica, a história que aqui se conta começa pela “geografia encantada” (22) da infância. António Cândido Franco dá a conhecer os cenários e ambientes centrais, como a casa de família, as férias no norte na companhia da prima e amiga Maria Helena Vieira da Silva, a oficina de ourivesaria do pai, certo ambiente da Lisboa dos anos 30 e as transformações do tecido urbano que acompanham etapas de vida. Depois, a Escola de Artes Decorativas António Arroio, onde se forma o primeiro grupo fraterno (“Fernando José Francisco, Cruzeiro Seixas, António Domingues, Pedro Oom, Fernando Azevedo, Marcelino Vespiera, José Leonel Martins Rodrigues, Júlio Pomar, João Moniz Pereira, e outros” [27]), e ainda a relevância política da Academia dos Amadores de Música e de Fernando Lopes-Graça, “o seu primeiro mestre” (27). Foi graças às cartas a Cruzeiro Seixas, entre 1941 e 1944, que os poemas da juventude sobreviveram. Nessa altura, “é o classicismo como conceção harmónica das partes que o atrai” (33), e era a música, e não a poesia, a arte que arrebatava Cesariny.

O início do entrosamento entre vida e obra corresponde ao início do entro-

samento entre identidade e política, e entre neo-realismo e surrealismo: “no meu biografado surrealismo e neo-realismo equivalem-se, dizem a mesmíssima criação” (88), E diz ainda Cândido Franco: “O que é hoje desconcertante perceber é que a maior resistência ao neo-realismo não veio da direita católica salazarista, nem de poetas conservadores (...), mas do interior do próprio neo-realismo. Quem contra ele se levantou com inusitada violência e sarcasmo foram poetas como Mário Cesariny, Pedro Oom, António Domingues, Alexandre O’Neill, que se arregimentavam afinal no mesmo sector político e perfilhavam a mesma orientação estética.” (47).

António Cândido Franco dá uma atenção granular à produção poética de Mário Cesariny, numa leitura arqueológica que procura perceber como o meio se reflete na obra e como a cada período da vida corresponde uma determinada poética, identificando e cruzando os fios da influência, das relações sociais e dos cenários intelectuais, artísticos e políticos em que se desenha o pensamento e a obra do biografado. A mesma atenção incide na história da escrita de Cesariny, nas técnicas que descobriu e desenvolveu, e no modo como nele operaram um certo processo vital, biográfico. Sem colocar o foco no texto, mas no texto enquanto manifestação de um contexto vivido, o biógrafo associa a determinados poemas e períodos a influência de uma leitura, de uma descoberta ou acontecimento, esclare-

cendo a génese e as circunstâncias específicas que situam as diversas etapas da obra de Mário Cesariny.

Através das leituras, e das impressões do biografado acerca delas, estampadas em cartas e outras fontes, António Cândido Franco identifica as principais chaves detidas pelo poeta. A primeira leitura determinante foi a *Casa dos Mortos*: “[o] homem primitivo de Dostoiévski, o homem puro, (...) foi o arquétipo duradouro e resistente que o acompanhou ao longo da vida” (27). Ou, por exemplo, a importância de ter traduzido Rimbaud, sendo afinal o exercício de tradução o mais atento e profundo modo de leitura. A leitura da *História do Surrealismo*, de Maurice Nadeau (1972), que chegou a Cesariny pela mão de Alexandre O’Neill, representa também um desses momentos em que uma nova lente sobre o mundo se oferece ao poeta, desencadeando uma revolução pessoal.

Através da análise biográfica, o ponto focal oscila entre realidades sociohistóricas e realidades pessoais, dissolvendo algumas compartimentalizações teóricas, por exemplo entre movimentos estéticos, nas idiossincrasias do vivido. Ao identificar territórios físicos, emocionais e literários, a biografia de Mário Cesariny desenha um mosaico de realidades culturais, refinando os traços que situam o pessoal no histórico-literário. No retrato do poeta surge, nítido, um plano de fundo em que se desenhavam os circuitos e o meio literário através de histórias que cruzam autores, editores,

críticos, amizades, hostilidades e peripecias. Com um grão fino e detalhado, António Cândido Franco dá a ver as pessoas e circunstâncias decisivas, os entusiasmos, desilusões e tensões entre e dentro de grupos, a atividade e a comunicação com o resto do mundo, e toda a ecologia do surrealismo português, movimento que “nasceu sem ânsias estéticas” (62) e que resistiu ao seu tempo.

A densidade literária da vida de Mário Cesariny passa não só pela centralidade e peso que nela tem a criação poética, mas também pelo lugar que ocupa na história da literatura e da cultura portuguesas, particularmente no embate com a repressão política e de costumes durante a ditadura, que levou a várias e longas estadias fora do retângulo cinzento e contra a qual a sua vida poética se levantou em armas. Nas palavras de António Cândido Franco, “[o] que singulariza a experiência de Cesariny é o combate que desde muito cedo travou para ter uma biografia sua, para assumir uma vida cheia, sem censuras interiores, para ligar a palavra e a vida numa mesma busca de liberdade e de espírito.” (18)

Esta publicação vem suprir uma lacuna nos estudos literários e revela-se uma peça fundamental para o estudo do surrealismo português. O edifício biográfico erigido por António Cândido Franco é como um prisma de três lados através do qual a relação entre a vida e a obra de Mário Cesariny se tornam legíveis. Por um lado, esta biografia tem

uma dimensão intertextual, ao assinalar as influências, os encontros e as relações entre leitura e escrita. Por outro lado tem uma dimensão evolutiva, situando a obra em circunstância, numa perspetiva diacrónica. O terceiro lado assenta numa linha transparente, a do trabalho crítico, não no sentido da leitura exegética que não cabe à biografia fazer, mas no sentido da seleção e do recorte dado à informação. Escrito ao longo de nove meses, *O Triângulo Mágico* é uma homenagem ao “vendaval cósmico que se chamou Mário Cesariny de Vasconcelos” (399), espírito “livre e combativo” (18) em quem vida e obra coincidiram.

Ana Marques

<https://orcid.org/0000-0002-7644-501X>

[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_11\\_22](https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_22)

**CATALONIA, IBERIA AND EUROPE**

**DAVID DUARTE / GIANGIACOMO**

**VALE (EDS.)**

**Roma: Aracne Editrice, 2020**

**364 páginas. ISBN 9788825528558**

O volume em questão é o segundo da *Biblioteca Scientifica Europea*, uma coleção patrocinada pela Fondazione Eracle, cujo objetivo é refletir sobre os processos de construção da identidade europeia ao longo dos últimos dois séculos, a partir de uma perspetiva marcadamente multidisciplinar. Sob esta premissa, os editores deste volume tiveram o acerto de reunir as contribuições de Silvio Berardi, Sér-